RUY GOMES

SOB A GARRA DO SONHO

LISBOA
1924

DO AUTOR:

(em literatura)

PUBLICADO:

Do Amor e da Morte — Contos — 1917 (esgotado).

A PUBLICAR:

Fruta Verde — Contos (a entrar no prelo).
A Estranha — Novela (em preparação).
As Estações da Vida — Poemas em prosa (em preparação).

SOB A GARRA DO SONHO

RUY GOMES

SOB A GARRA DO SONHO

LISBOA

1924

SOB A GARRA DO SONHO

(NOVELA)

Oh! vós, adolescentes, que acalentais descuidosamente o sonho em vossas almas:

— Acautelai-vos porque êle é o dragão dourado que se prepara para devorar tôdas as vossas ilusões, todos os vossos anceios juvenis, tôda a vossa alegria de viver!... E, quando tudo tiver devorado, êle andará na vossa alma como uma fera irada dentro duma jaula vazia!...

Não vos julgueis mais fortes, não confieis na fôrça da vossa vontade para o subjugardes quando quiserdes, porque êle ilude-vos com uma enganadora fraqueza para, confiadamente, vós lhe abrirdes tôdas as portas da vossa alma.

Só quando êle se tiver assenhoreado de vós por completo, é que vos sentireis presos e amarfanhados sob as suas garras. Já, então, não podereis tentar resistir-lhe, sereis

inteiramente seus escravos e êle forçar-vos há a cumprir um destino que não é o vosso.

Se não quereis a vossa felicidade destruída, se desejais viver em serena e doce paz, separai bem o sonho da vida, isolai-o entre sólidas paredes, prendei-o com pesadas correntes e fechai-o, cuidadosamente, a sete chaves, para que êle não consiga libertar-se. Mas, é bom que atireis as chaves com muita fôrça para detrás das vossas costas e que não volteis a cabeça para verdes onde elas caíram, não vá o sonho enfraquecer-vos o ânimo com a fascinação de diabólicas miragens e fazer-vos arrepender de o terdes separado da vida.

I

ANDAVA o sonho dentro dela como o caruncho dentro dos móveis antigos.

Cada vez se tornava mais alheia a tudo. O desleixo invadira a casa tôda — as pessoas, os móveis e os trapos —, largara raizes como garras, e crescia, alastrava.

E nem assim Margarida parecia dar por isso. Dir-se-hia ter os sentidos ardidos por abafado desespêro, que a minara lento e fundo.

Mas, bem de dentro dela vinha uma náusea, uma náusea enorme, que lhe arrepelava os gestos, lhe torcia o olhar, lhe amarrotava as feições em esgares de envenenada.

Passara a andar na vida quási como um cor-

po morto, sem a consciência de si, da sua existência. Era como uma peça insignificante de máquina monstro em movimento.

Fôra a pouco e pouco perdendo a própria acção, deixava-se empurrar pelas necessidades da vida, andava aos safanões.

A meio de qualquer tentativa para fazer alguma coisa, parava, fugia-lhe a expressão, condensava-se-lhe a luz dos olhos em névoa dura e impenetrável e ficava-se tempos e tempos galvanizada na mesma atitude. E' que o sonho enferrujara-lhe as articulações.

Outras vezes, sem o mínimo pretexto, queimava-a, bruscamente, uma raiva que a congestionava, e, então, maltratava as coisas, maltratava-se a si própria, partia o que calhava, batia na criadita que a ajudava nos arranjos da casa, e o seu olhar e os seus gestos irados só amansavam com o cansaço, quando caía extenuada, ao acaso.

Na sua alma, como num casarão abandonado e desguarnecido, mas fechado e bem fechado, a meio do bulício do mundo, viviam fan-

tasmas que levavam misteriosa existência e que ora a adormeciam em venenosas miragens, ora a mordiam de desespêro.

Adeus horas de paz, horas em que tôda a sua alma se embebia de silêncio, como foram àquelas dos seus dois primeiros anos de casada.

Como, antes, ela fôra tão rica de ilusões!...

Como pôde no seu peito franzino caber uma ambição tão grande!...

Mas, um dia chegou em que o magnífico arco-íris das suas ilusões começou a desbotar e tão ràpidamente foi desbotando que depressa desapareceu, — um dia chegou em que a sua ambição começou a desmantelar-se e tão ràpidamente se foi desmantelando que nem as suas ruínas ficaram!...

Transfigurou-se. A desgraça ajeitara-lhe outra personalidade, — fôra ela que lhe fizera o casamento, o seu casamento sem amor, sem desejo, sem entusiasmo. Casara-se para arrumar o seu destino inútil. Casara-se para suster a der-

rota ao menos na tranqùilidade dum viver medíocre e mesquinho.

E doce conformação lhe baixou sôbre a alma!...

Acomodou-se à desgraça, sem revolta e sem mau humor, num completo abandôno de si. E durante dois anos foi a espôsa resignada à sorte que lhe coube e a dona de casa cuidadosa, a braços com as duras necessidades da vida. Mas, havia profundo silêncio e frio enorme na sua alma. Nem suspeitava que ela ainda existia e que nela o sonho dormia um sono que podia não ser eterno...

Adeus horas adormecidas, que já tão longe ides e não voltareis mais!...

E andando na vida como um manequim, entrou o sonho a roê-la, por dentro, devagarinho... E não teve maneira de fazer adormecer outra vez o sonho na sua alma, donde o silêncio desaparecera e onde o frio aumentava...

E assim mesmo se desfez a sua felicidade de manequim!...

A casa de Margarida tinha apenas cinco pequenos compartimentos e pouca luz. Era num primeiro andar de rua íngreme e estreita, de prédios altos, em bairro de rés-miséria, mesmo onde a rua formava cotovelo.

Na maior parte das janelas havia roupa a enxugar, e, em algumas, vasos de mangericos e de flores ou gaiolas com pássaros.

De tarde, cada qual na sua faina, quási se não ouvia barulho na rua, onde os carros não podiam passar. Apenas, a meio da tarde, o áspero desafinado dum lamentável piano, que, mesmo ali na vizinhança de Margarida, teimosamente martelava farrapos de músicas já cossadas e que tinham sido o fogo dos bailes de há dez anos, e, mais para o lusco-fusco, o barulho que a garotada fazia a jogar o berlim: — a pancada sêca das pedras e a gritaria.

E tôdas as tardes era o mesmo!...

Sentia-se a própria atmosfera da rua humedecida por acabrunhador desalento.

Margarida era raro saír, não tinha para onde,

nem tinha com quê, — ela para quem a vida tanto sorrira no brilho do olhar dos homens e no brilho dos espelhos.

Passava as tardes sòzinha, com o filho abandonado a rabujar em qualquer canto e a rapariguita, de que improvisara a criada, aparvalhada ante o desarranjo da casa. O marido ía já almoçado para a repartição e só voltava para jantar. Tinha-lhe tão enraízada repugnância e tão profunda raiva que nem as dissimulava. Êle demorava-se em casa o menos que podia, furtando-se, quanto possível, àquela hostilidade sem tréguas que tudo na casa lhe dizia.

Oh! essas tardes longas, essas tardes que pareciam não mais ter fim!...

E aquele enfadonho piano contìnuamente a mastigar pedaços de valsas e polcas, como um animalejo esfalfado a andar á fôrça de chicote.

Dan-tan-tã-tán... Dan-tan...

E quem poderia pensar que essa aborrecida mania dalguma velha, que talvez imaginasse assim fazer desandar o tempo, tinha no destino

dalguém influência tão decisiva como a tinha na de Margarida!...

Tan-lan-lã-laan... Tan-lan...

E na alma dela os fantasmas agitavam-se na sua vida misteriosa, como habitantes dum mundo novo, dum mundo fantástico de cartão pintado.

Era o caruncho a miná-la.

Muitas vezes, fechava-se no seu quarto, e, febrilmente, como numa halucinação, vestia o seu melhor vestido — já tão fora da moda! —, arranjava o cabelo com carinho, em penteado alto, enfeitava-se com as pobres joias que possuia, amaciava a cara com pó de arroz, dava-lhe uns toques de carmim, forçava o olhar num sorriso de triunfo... e assentava-se defronte do espelho olhando, olhando com ansiedade desvairada o seu rosto que outrora fôra belo, que outrora fôra duma formosura aberta de flor garrida, — o seu rosto agora cansado pelo tempo e desvastado pela desgraça e que outrora fôra o enlêvo da sua vaidade, a viva alegria da sua juventude...

Iam as horas passando, a rir, a rir, pé ante pé, e Margarida não deixava o espelho, cada vez mais deslumbrada na maravilha da sua beleza que morrera e que ela teimava ser ainda viva e radiosa.

E ensaiava gestos, experimentava sorrisos, murmurava palavras sem som, entontecida dum contentamento que a estremecia tôda, satisfeita de si, deslumbrada de si, do que fôra dantes e agora só os seus olhos viam!...

Depois, abria uma gaveta e espalhava ao acaso, cheia de inquietação, massos de cartas, bilhetes, flores sêcas, bujigangas, recordações: — o lixo da saudade. E punha-se a mexer em tudo, á pressa, atabalhoadamente, a ver, a ver, a recordar, a envenenar-se com o passado. E vinha gente falar com ela, e ela já não estava no seu quarto, e havia o rumor de bailes, de festas, do abrir de garrafas de champanhe, de risos... e o ciciar de confidências de amor... E os últimos anos do seu passado já não erám os mesmos, eram outros, e o presente... ah! como

o presente era belo e ditoso, como na vida podia haver felicidade tão embriagadora!...

— Minha senhora!... Minha senhora!... chamava de fora a criadita, batendo com os nós dos dedos na porta do quarto.

Passava pela cabeça de Margarida uma tontura forte, erguia-se, cambaleava... e ao fim dalguns momentos, estalando de ira, feroz como se lhe acabassem de roubar mocidade, beleza, felicidade, abria a porta com estrondo e maltratava a rapariga que a chamara á mesquinha realidade para qualquer coisa que era preciso ou para falar a alguém... e dos seus lábios saíam em borbotões impropérios e grosserias que aprendera no trato com gente rude.

E os palavrões crestavam-lhe os lábios pintados, deformavam-lhe mais a curva da bôca — a sua bôca que nunca dera beijos de amor, — a sua bôca de que, anos antes, uma geração de poetas lamechas cantara, em todos os metros, a formosura, o viço, o talhe airoso, a rubra flor da sua volúpia...

II

AI como tudo na vida passa e não volta mais!... Murcha o amor e cansa-se o ódio, desvanece-se a alegria e adormece a dor!... Só a saudade fica a mortificar as almas, só a saudade fica porque ela é a expiação do prazer!...

Bons tempos aqueles em que o major Sequeira fazia a sua entrada em todos os bailes de sociedade, levando as duas filhas pelo braço, mais ufano e feliz do que se regressasse vitorioso duma batalha sem par, entre as aclamações dum povo inteiro!...

Bons tempos que lá vão!... Bons tempos que não voltam!...

Poucas pessoas haveria tão conhecidas como o major Sequeira, não porque êle próprio fôsse pessoa notável ou disfrutasse de situação de influência. Era mesmo mais vulgarmente referido pelo *Pai das Sequeiras*.

Duma afabilidade de trato quási melíflua, não se adivinhava nêle o militar. E o ambiente de admiração e de lisonja que sentia adensar-se em redor das filhas enchia-o dum contentamento piegas que lhe vinha á flor do rosto num rubor de bonacheirão, exagerava-lhe o feitio já de natural complacente.

Vivia apenas no enlêvo das filhas. Todos os seus pensamentos, todos os seus actos, tôdas as suas intenções tinham os olhos postos nelas.

Não lhes queria, porém, a ambas, de igual maneira.

Para a Maria do Carmo, a mais nova, ia talvez mais da sua ternura, mas o seu orgulho era principalmente a Margarida. Sôbre a cabeça dela é que desfolhava com amor a grinalda das

suas ilusões, era para ela que a sua entontecida ambição delirava um destino magnífico.

Eram em tudo diferentes, as duas irmãs.

Margarida, muito branca, dum loiro glorioso, era vistosa, atraía os olhares. Alta e magra sem exageros, detalhava todos os seus gestos em atitudes bem marcadas, tinha garbo no andar e não se lhe surpreendiam atitudes de abandôno. Vinha assim desde criança!

Às suas feições analisadas com fria atenção, não tinham pròpriamente beleza, algumas eram mesmo incorrectas. Mas, olhadas em conjunto, davam impressão bem diversa, toucavam-se de graciosidade e simpatia.

Havia no seu rosto, contìnuamente, uma animação estranha, uma vivacidade febril de expressão que desprevenidàmente parecia natural. Era a vaidade, bem regada pela lisonja, que lhe dava aquele brilho de triunfo e de alegria, aquela mobilidade envolvente aos seus olhos azuis, embaciados e frios, como duas quimeras mortas. Era a vaidade que lhe dava às faces macilentas

de linfática aquele vermelho claro de papoilas, aquele vibrante pregão de vida e mocidade.

Não era bela, mas na jarra esguia do seu corpo a formosura floria sem a bênção de Deus!...

Dois anos mais nova, Maria do Carmo apagava-se junto dela, como se a si própria se cobrisse com um veu de penumbra.

Mais baixa e ligeiramente mais cheia do que a irmã, não havia em tôda a sua pessoa um tom de alarme. Tudo nela tinha ar discreto:— a fisionomia, os gestos, as atitudes, o vestuário.

Ao contrário de Margarida, as suas feições vistas de per si eram correctas e puras, mas em conjunto perdiam bastante, talvez por não haver entre elas grande harmonia.

Lembrava muito a mãe. A sua pele tinha a brancura mate, a palidez das morenas, os seus cabelos eram pretos e bastos, e os seus olhos côr de amêndoa sempre risonhos nas órbitas fundas, como dois cordeirinhos brincando, na relva, ao sol.

Notava-se em tôda ela enorme despreocu-

pação, uma simplicidade cheia de distracções.

Crescera, fizera-se mulher, e a sua alma continuava a ser a de creança!...

Não era atreita a tristezas: — um contentamento infantil, sem causa, denunciava-se nela a cada momento, numa alegría de viver esturgindo no seu corpo sàdio.

Quando a mãe delas morreu, tinha Margarida dezoito anos, e, por ser a mais velha, a seu cargo ficou o govêrno da casa. Mas, a pouco e pouco êste foi passando para as mãos da Maria do Carmo, a quem divertiam imenso as preocupações de senhora grave que a irmã de bom grado lhe abandonava.

Margarida, em tudo quanto não amimasse a sua vaidade, era completamente desastrada. Só pensava em festas, em passeios e em diversões e em namoros... Tudo sacrificava para ser adulada, para fazer admirar a sua formosura, e era prodigiosa de imaginação nos processos de a realçar. Tal preocupação absorvia-a demasiadamente, a ponto de lhe apagar tôdas as outras

características do seu modo de ser. E assim não se lhe encontravam qualidades, nem defeitos. Não era bondosa, nem era má, — como que evitava sempre a ocasião de mostrar ser uma ou outra coisa. Não era carinhosa, nem deixava de o ser, — mas procurava que os outros o fôssem para com ela. Não se interessava por esmerar a sua educação, mas não deixava de estudar as músicas levianas em voga e de renovar o seu reduzido reportório de poesias idiotas para recitar... Tudo o que valia ou que procurava valer era apenas para mostrar, para que a admirassem. Para ela própria bastava-lhe a vaidade!

E ao ver a erva crescer e conquistar aquele trigal mimoso, o Pai Sequeira, longe de se arrecear pela felicidade da filha, não deixava de lhe aquecer a vaidade e ambição tôla, murmurando-lhe a cada passo: — «... ainda hás-de ter carruagens e viver num palácio... ainda hás-de dar recepções e ter côrte como uma rainha...».

Não reparava que a Maria do Carmo se fizera mulher e que era quási exclusivamente o seu

tino que amparava a vida entontecida que êle e Margarida levavam. Não se apercebia de que a mocidade estuava, vitoriosa, no seu corpo são, e se desdobrava e multiplicava em alegria, em carinho, em bondade...

Para êle, continuava a ser uma criança que apenas necessitava dos seus afagos, aquela dona de casa precoce, que, quando chovia, ia para as claraboias do sótão molhar a cabeça de chuva, que se deitava nos tapêtes a brincar com o gato e que pintava bigodes e peras nas estampas dos livros.

Eram certos os três nas festas, nos passeios e nos teatros, e, tão certos como êles, os admiradores da Margarida.

Davam muito na vista, tôda a gente os comentava. Nos bailes formavam grupo a um canto — a Margarida no meio e em volta dela sempre perto duma dezena de rapazes. Fora dêsse grupo, mas junto dêle, o Pai Sequeira e a Maria do Carmo, estabelecendo contacto com as outras pessoas.

Sem a Margarida ir dansar, nenhum dos rapazes do grupo tirava par. A Maria do Carmo poucas vezes ficava sentada: — havia sempre admiradores da irmã que iam dansar com ela, para que falasse dêles á Margarida, lhe repetisse o que lhe diziam. E era freqùente ter de aturar uma noite inteira as confidências dalgum namorado infeliz, na mira de obter a sua protecção. Uns e outros, homens e mulheres, a sabiam boa rapariga, amiga de fazer vontades, não se poupando a maçadas para os outros se divertirem, e por isso tratavam-na sempre com carinho, com frases amimadas. E todos, como o Pai, continuavam a não ver nela a mulher que desabrochara sem darem por isso, de preocupados na admiração da irmã. Ninguém notava o discreto e puro encanto da beleza do seu corpo e da sua alma. Iam as atenções para Margarida: — era uma devoção antiga,uma devoção espalhada, com sua lenda e sua legião de mártires, — era um espetaculoso fenómeno de sugestão colectiva e prolongada. Quando fir-

mamos muito a vista nalguma coisa, fica-nos gravada nos olhos a sua imagem, numa névoa imperceptível que no-la faz ver sempre como da primeira vez e só vagamente nos deixa aperceber as outras coisas.

Os namoros da Margarida eram célebres e discutidos. E quantos ela já tivera! No fundo, nunca se interessara por nenhum rapaz. Não tinha afectividade, e a sua vaidade andava sempre tão saciada que não era sensível às admirações que despertava. Só a ideia de satisfazer a sua ambição a comovia! E lá andava, cautelosa e friamente, a procurar dentre os seus admiradores aquele que pudesse realizar os vaticínios do Pai, com a certeza de o encontrar.

E a ambição ia mirrando a sua alma como a agua mirra o cascalho.

Viviam apenas do soldo do Pai, que, promovido a tenente-coronel, continuava a ser para tôda a gente, fora dos meios militares, o *major* Sequeira, ou, melhor, o *Pai das Sequeiras.*

Se não fôssem os muitos convites que rece-

biam e o engênho da Maria do Carmo na administração da casa, não poderiam levar aquela vida. Mas, os convites não faltavam porque a presença de Margarida garantia a animação de qualquer festa. Nos teatros, iam quási sempre para camarotes das amigas. Algumas vezes mesmo, as duas irmãs não ficavam juntas.

Apesar disso, nunca se apresentavam mal. Não tinham vestidos ricos, mas, ajudadas pelo que por si valiam, trajavam sempre à moda e com razoável bom gôsto, se bem que os vestidos de Margarida fôssem sempre espalhafatosos. Era ela quem fazia os vestidos de ambas. Fazia--os, desfazia-os, tornava-os a fazer, trocava-lhes os panos, substituía-lhes peças... Sabia de cor os figurinos.

Não podiam, porém, permitir-se a ostentação de dar festas ou mesmo de receber.

Certo dia, estavam os três a acabar de almoçar, a Maria do Carmo, primeiro a atrapalhar-se muito nas palavras, depois com maior decisão, foi dizendo ao Pai que no dia seguinte

seria pedida em casamento e esperava que êle acolhesse o pedido com satisfação.

Pousou a sua chícara de café com leite o *major* Sequeira, a Margarida pousou também a sua, e ficaram-se os dois por momentos a olharem-se com espanto. Depois os seus olhares caíram sobre Maria do Carmo que, tôda ruborizada, procurava esconder os olhos e o nariz na sua chícara, bebendo os goles demoradamente, à espera que o Pai desse fim àquele silêncio de surpresa.

Só então o *major* Sequeira reparou que a Maria do Carmo não era já uma criança, mas uma encantadora mulherzinha de vinte anos, e sentia-se bastante interdito de tão tarde o notar!... Nunca dera por nada!... Nem a Margarida!... Mas, esta não admirava:—andava sempre tão preocupada com a sua ambição!...E depois, também não era muito para admirar que êle de nada tivesse dado fé:—não costumava espiar a Maria do Carmo, a quem considerava uma criança com muito juizo. A outra, sim, essa es-

piava-a a todos os momentos na anciosa curiosidade de assistir passo por passo à realização do seu grande sonho...

Quiseram saber quem era o pretendente, como o caso principiara, o que se tinha passado, e, assediada de preguntas, a Maria do Carmo respondia já sem embaraço e com simplicidade, enrubrescida na sua felicidade.

Ambos acharam bem, apesar da surpresa. E a Margarida censurou a irmã de nunca lhe ter falado em tal, um pouco beliscada por o noivo dela não ter saído das filas dos seus adoradores. Mas, a Maria do Carmo desculpava-se: — «... julguei que não tinha importância... podia ser brincadeira dêle e por isso não queria dizer... e, depois, tu nunca me preguntaste nada!...».

Caíra a conversa, mas deixaram-se ficar à mesa. O *major* Sequeira acendera um cigarro e fumava-o, lenta e regaladamente, olhando com ternura ora uma ora outra das filhas, e o seu pensamento ia dizendo: — «... sim, esta vai bem,

faz um bom casamento, mas o destino daquela é outro... ainda há-de ter carruagens e viver num palácio... ainda há-de dar recepções e ter côrte como uma raínha...».

Quatro meses depois, casava-se a Maria do Carmo e ia viver com o marido numa pequena cidade da província, para onde êle conseguira uma situação de relativo destaque. O Pai e a Margarida continuaram a remoer o mesmo sonho. Já nem falavam nêle — entendiam-se pelo olhar.

Com a partida da Maria do Carmo, a vida dêles mudara bastante. Passou a não haver ordem nos arranjos da casa. Não havia horas para nada. O desmazêlo fazia estragos constantes. Dava-se a cada momento pela falta do mais preciso, enquanto as ninharias abundavam. Apesar de serem só os dois e a criada, as despesas aumentavam, o dinheiro sumia-se e os finais dos meses começaram a ser mais e mais inquietadores. Mas, a vida exterior de Margarida era a mesma, ainda mais espectaculosa — ia a pouco e pouco tomando aspectos caricaturais.

Entretidos na certeza de realizarem o seu sonho, Margarida e o Pai não sentiam correr os meses, andar os anos.

E o noivo desejado não vinha!...

Eram já menos os admiradores de Margarida e ainda menos aqueles a quem a sua vaidade outrora dera preferência. Os que tinham fortuna ou situação social a breve trecho viam que Margarida não era a mulher que lhes convinha, sentiam que nela apenas havia vaidade, ambição, vazio dalma. Os mais modestos, que sinceramente desejariam casar com ela, nem se atreviam a aproximar-se muito, conhecedores da sua ambição, receosos da concorrência dos outros, evitando um desaire certo. Ficavam, porém, os piores, os que apenas se queriam divertir, aqueles que aguardavam apenas a sua vez de também namorar aquela mulher de quem todos falavam e que chegara a dar tom aos seus admiradores.

Corria entre todos este conceito: — «A Margarida não é mulher com quem se case: é ape-

nas uma esplêndida mulher para namorar.» De facto, como espôsa, a Margarida desencorajava os mais apaixonados e os mais senhores de si. Aquela sêde de luxo e de elegância, aquela exuberância de fatuidade, aquele desapêgo a tudo quanto lhe não falasse à vaidade e ao sonho oculto...

Nos bailes ia já ficando algumas vezes sem dansar e nos teatros os binóculos já não a procuravam tanto!... Passou a dizer-se dela: —«Foi uma linda mulher!... Se a tivesses visto noutro tempo!...»

Chasqueava-se em público do sonho dela e do Pai, que algum adorador infeliz desvendara. E, a pouco e pouco, substituindo os versos românticos e apaixonados que durante anos os admiradores lhe dedicaram, começaram a aparecer os epigramas.

Estava já perto dos vinte e sete anos. Tornara-se menos exigente nas suas relações, ia dando atenção a rapazes para quem anos antes nem se dignaria olhar. Entrara-lhe na alma uma

inquietação martirizadora que a trazia em contínuo desassossêgo na procura angustiosa e inexplicável não sabia de quê. Para não aceitar a derrota do seu sonho, punha-se a fantasiar príncipes de novela nos pobres diabos e nos patetas que a cortejavam... Bebia vinho ordinário achando-lhe o sabor, que outrora a deliciara, dos vinhos caros.

E quando a desilusão, cruel e amarga, já lhe andava a apertar os pulsos e as fontes da cabeça e a dar travo ao seu paladar, veiu a desgraça tomá-la à sua conta.

Morrera o Pai Sequeira, estùpidamente, caíndo dum cavalo, numas manobras a que o obrigaram — a êle que era um plácido burocrata do exército.

A sua morte fez que Margarida, como num relâmpago, visse a sua vida iluminada por uma luz crua e sinistra.

Habituada a espreguiçar-se nas almofadas do sonho, ficou atordoada. Faltava-lhe o tino para pensar, para tomar uma resolução qual-

quer. Mas, quando começou a aperceber-se de todo o alcance da catástrofe, vieram-lhe ataques de desespêro, prolongados, raivosos. E os seus olhos, que não conheciam a amarga doçura e o carinhoso alívio das lágrimas, fizeram-se vermelhos dum chôro estrebuchado que durante dias lhe sacudiu o corpo.

Chorava, chorava as lágrimas que tinha e chorava mesmo sem lágrimas, enquanto o desespêro bramia, raivoso e amedrontador, dentro da sua alma vazia.

Não lhe despertara então um devotado amor de filha, que nunca tivera. Não era o seu coração que a catástrofe ferira!... Chorava sôbre os destroços do sonho que lhe enchera tôda a vida. Sentia que perdera o seu destino, que doràvante passava a andar na vida sem nela ter lugar.

Amparou-a a bondade da irmã, que a levou para a sua companhia. Foi, porque era o único abrigo que os seus olhos viram para acolher o seu desespêro.

Viveu com ela meio ano. Não pôde mais. Fazia-lhe mal estar às sopas da irmã — ela que se sentira talhada para um destino magnífico e que para com a Maria do Carmo sempre tomara ares protectores.

Sentia-se vexada na sua derrota, no fracasso do seu sonho que a irmã conhecia em todos os pormenores. Andava a inveja a apertar-lhe o coração. Não achava a Maria do Carmo digna daquela calma felicidade, da alegria serena e sem turvação da sua existência, entre o marido e dois pequerruchos.

Desesperava-a o seu temperamento cheio de bondade, onde a ambição não medrava, onde nenhum sentimento ruim podia buscar alento. Ela tambem podia, melhor do que a irmã, conquistar uma felicidade assim, — escusava de viver na humilhação constante da sua protecção.

Deixou a Maria do Carmo e voltou para a casa em que vivera com o Pai. Ficara-lhe, por morte dêle, uma pensão que estava longe de chegar para os seus gastos. Mas, ela trazia no cé-

rebro uma ideia forte a trabalhar constantemente. Casar-se-hia depressa! Tinha tantos pretendentes, aceitaria um, — sempre havia de conseguir uma situação melhor do que a irmã!... Seria aquele que primeiro se prestasse a desposá-la.

Foram os dias passando. Com o andar do tempo, começou a ver que o seu projecto não era tão fácil de realizar como supunha. Dos seus antigos pretendentes, nem a sombra dum se lhe aproximava. Escreveu a alguns, com engenhosòs pretextos, mas nem assim. Dir-se-hia que êles se tinham apercebido do desespêro da sua situação.

Passaram a apertar as dificuldades da vida. Batida de todos os lados pela desgraça, oferecia-se-lhe ainda um refúgio bom: — a irmã tornava a chamá-la. Recusou-se. Tinha já a alma curtida pàra tôdas as humilhações e para todos os vexames, mas a felicidade da irmã fazia-lhe mal, avivava-lhe a lembrança do passado, levava-lhe a humilhação até aos ossos. Punha-se a

recordar: — quando a irmã casou, os projectos que ambas fizeram!... e tinha ficado de a convidar para vir passar com ela ao seu *palácio!* — dois ou três meses de cada inverno!... e agora...

Esforçou a imaginação o mais que pôde, os seus pensamento eram já de febre. Lembrou-se do Elísio, do Elísio Alves, sim!... Tão acanhado, tão pobre-diabo... não recusaria decerto. Tinha por ela uma dedicação de cão escorraçado. Andara sempre na roda dos seus admiradores, mas quási a fugir de chegar perto dela, tímido, insignificante. Era segundo oficial numa repartição do Estado. Decidiu-se e foi procurá-lo, pedindo-lhe ajuda para vários passos da sua vida, que tinha a dar.

Conseguiu assim que fôsse a sua casa várias vezes, e numa delas disse-lhe, sem grandes rodeios, que se ainda lhe agradava não recusaria casar com êle... Era a ultima cartada — o golpe desesperado!...

Ficaram-se os dois a espiarem-se, por mo-

mentos, — ela numa grande anciedade, êle numa grande estupefacção.

A felicidade que êle, tìmidamente, dantes quási que nem se atrevera a desejar, desabava-lhe, de repente, inesperadamente, no seu destino. Não tinha que a aceitar, nem que a recusar, — tinha de arcar com ela.

E, enquanto a sua alma se crispava de receios e de mêdo por aquela felicidade que o seu temperamento de vencido não pedira e que agora o enleava num abraço inquietador, — na alma dela fazia-se um grande silêncio, um silêncio pesado, de pasmo, o silêncio que fica sempre no ar, a zumbir, nos momentos após as grandes catástrofes.

III

CHEGARA a casa afogueada e inquieta. Trazia o sangue em alvorôço e o cérebro atrapalhado.

Era já tão raro saír! E há quanto tempo que não falava com pessoas conhecidas, com gente de *outro tempo!*... Evitava as relações antigas. Não arranjava coragem para lhes aparecer, sentia-se envergonhada, fugia a uma humilhação que andava sempre fixa na sua idea!...

Mas, naquela tarde morta, de chuva borrifada, durante uma corrida pela Baixa, dera de caras com o Tomaz de Serpa, que parou para lhe falar.

Estava na mesma, apenas as feições mais vincadas, e falava-lhe num grande tom de sau-

dade do tempo que passara. Aludiu vagamente ao casamento dela, sem lhe fazer preguntas. Foi gentil : — achou-a apenas ligeiramente mudada, mas não para pior, disse-lhe que a sua beleza se espiritualizara nos últimos anos... E foi encantador : — encontrou-lhe a antiga elegância do vestir, o gôsto, o talhe inconfundível... Margarida quedara-se estonteada pelas suas palavras, fascinada pelo calor das suas lisonjas. Queria despedir-se, fugir, mas uma turvação avassaladora quebrava-lhe o ânimo, deixava-a enleada, sem ter que dizer.

Êle, com os seus trinta e seis anos seguros, estava ainda um lindo rapaz, o que fôra sempre — uma mocidade radiante ao desbarato. Ficara solteiro e fazia disso um timbre de elegância. Quási já sem família, possuía uma excelente fortuna e tinha certo um belo lugar na sociedade. Passava temporadas no estrangeiro, mas não faltava nos concursos hípicos, aonde levava sempre os melhores cavalos. Vinha-lhe daí uma celebridade que cultivava com interêsse.

E Margarida sentia-se comovida ao ouvi-lo falar com mágua da sua vida árida e sem carinhos, que fatalistamente atribuía a um propósito de infeliz sorte.

Fizera a côrte durante meses a Margarida, num namoro que ficara célebre. De todos, fôra mesmo o preferido, se é que ela alguma vez tivera a sério preferências. E agora — tantos anos passados! — dava-lhe a entender que acabara contra sua vontade, coagido pela família, desnorteado pela sorte, e lamentava-se da perda da sua felicidade, que tivera prêsa nas suas mãos, viva e palpitante, como um pássaro ao sol no arvoredo e que deixara fugir sem pensar que não mais voltaria.

Já demoravam há muito de conversa e êle teimava em acompanhá-la. Para conseguir que o não fizesse teve de dizer-lhe onde morava e prometer-lhe que no dia seguinte estaria à janela para o ver passar a certa hora da tarde.

Ao outro dia, êle não faltou, foi pontual.

Dizia mal a sua elegância no aspecto da rua.

Parou a cumprimentá-la, demorou-se uns minutos e ficou de passar todos os dias á mesma hora, a despeito dos protestos dela.

Margarida passara a viver numa excitação sobressaltada... «Pois quê! O Tomaz ainda gostava dela?!... Quem sabe se...» E o seu pobre cérebro, já tão fatigado da sua imaginação demente, punha-se a delirar quimeras sem consistência, fugidias e vagas.

Chegou a pensar em não mais lhe aparecer à janela, mas depressa se esqueceu de que o podia fazer.

E tôdas as tardes, à mesma hora, o Tomaz continuou a passar.

Ia-se demorando a falar-lhe cada vez mais, e ela, longe de se inquietar com os comentários da vizinhança, que nem suspeitava, só tinha um receio — o receio de lhe desagradar naquela janela de prédio pobre, naquele scenário acabrunhador. Por isso, quási não ofereceu resistência à sua proposta de se encontrarem tôdas as tardes numa pastelaria escusa.

Adormecera-lhe o mau génio. Em casa, já não insultava o marido, já não batia na criada, já não partia coisas. Tinha gestos de sonâmbula, vivia lá por dentro uma vida de que os outros não davam fé.

Da pastelaria passaram a encontrar-se numa casa que o Tomaz mobilara de propósito para essas entrevistas. Parecia já outra. Tinha vestidos caros, variedade de chapeus, joias de preço, e não se dava ao incómodo de fantasiar para o marido uma origem honesta para tudo aquilo.

Mas, um dia voltaram os ralhos, voltou o mau génio, mais irrascível ainda do que dantes. O Tomaz deixara de aparecer, partira para o estrangeiro numa das suas freqûentes viagens, sem qualquer explicação, mas duma forma que não dissimulava o seu enfado.

Depois vieram outros — dois, três, quatro — e a mesma história repetia-se mais ou menos, sem grandes variantes.

E os antigos admiradores de novo começaram a cortejá-la!...

Voltara-lhe a celebridade, entrara outra vez na moda!...

Era discutida, comentada, mas já não dava por isso.

Por cada amante atribuíam-lhe uma dúzia, porque às mesas dos cafés e nas salas dos clubes nunca faltava gente de tom que não contasse uma aventura com ela, que se não permitisse salivar infâmias com o rótulo de desvendar os segredos do seu corpo.

Muitas vezes não vinha jantar e recolhia tarde, sem dar ao marido quaisquer explicações. E de tempos a tempos voltavam-lhe as fúrias, cada vez mais grosseiras, cada vez mais bravas. Quando andava assim demorava-se em casa, chegava a estar dias e dias sem saír.

A sua celebridade dera celebridade ao marido. Tôda a gente conhecia o Elísio, apontava o Elísio quando êle passava. E havia sempre em volta dêle, a propósito dêle, um riso de troça achincalhante e um ar intrigado de estupefacção. Era um mistério para muitos e um símbolo para todos.

Curiosa figura a do Elísio Alves! Ouvia as chufas na repartição e os dichotes na rua com o ar humilde e mesureiro de cão que procura evitar o pontapé.

Havia quem o supusesse estúpido e quem o tivesse por bandalho, e ninguém pressentia o que lhe ia na alma!...

Ninguém era mais cumpridor dos seus deveres!... Fôra sempre o primeiro a entrar para o serviço e o último a saír. Aturava tôdas as estopadas, trazia tudo em ordem e fazia o que aos outros não apetecia fazer, e ainda arcava com as culpas do que não agradasse aos superiores... E não se queixava, antes se mostrava satisfeito de de se saber prestável...

Tornara-se assim imprescindível na repartição. Era, por todos, ao mesmo tempo estimado e desprezado.

Não tomava qualquer iniciativa, fazia o que lhe mandavam. Devia ter sido promovido havia muito, mas, como o sabiam incapaz de protestar, já uns poucos tinham passado por sôbre êle.

Desconheciam-se-lhe amigos e apenas de onde em onde o viam a passear com um ou outro colega dos mais pacatos.

Ao contrário do que muitos supunham, andava ao facto de tudo, adivinhava o que não via. Moía a sua dor em silêncio, abafava-a para ela não gritar, com mêdo da impiedade dos outros, conhecedor da sua crueldade. A violência do sofrimento anestesiara-lhe os nervos e o pensar. Andava com uma grande pedra lá dentro!...

Que havia êle de fazer?!... Para que casara com Margarida, tão diferente dêle em tudo, tão difícil na sua ambição?!... Já nem sabia como isso fôra!... Quisera-lhe apaixonadamente na certeza de não a ter... Ah! quando a felicidade que se não atrevera a procurar veio ao seu encontro, bastante mêdo lhe causou!... Reconhecia que a não podia fazer feliz, que era para ali um pobre diabo!... Não a merecia —não tinha fôrças para a dominar, nem para lutar na vida!... Atribuía a si parte da culpa da desgraça de Margarida!... Ah! não ter êle energia, instinto para

lutar, para dominar!... Ser para ali uma sarapilheira, um vencido sem combate!... E punha-se a imaginar que ela podia ter sido feliz com outro, que êle era um empecilho na sua vida!... E quási desejava desaparecer!... Esquecia-se da sua dor e dava-se a ter sinceramente uma grande compaixão dela!... Mas, o que havia de fazer?... Romper, recomeçar uma vida nova?!... Não tinha coragem, não acreditava na felicidade!... Sabia lá... Sabia lá o que fazer...

E a sua alma amargurada, vergastada por cruciante angústia que a vergonha lhe estrefegava na garganta, não sabia mesmo o que menos o fazia sofrer — se as longas ausências de Margarida, se os seus insultos e os seus maus tratos!...

Enquanto a dor estava sempre alerta no coração do marido, como uma lâmpada vigilante, a consumir-se, a vacilar, — no ânimo de Margarida um só propósito havia, propósito que era um desejo violento a esbracejar dentro dela.

Queria fugir àquela vida, partir as algemas do seu destino, daquele destino que ela odiava como as feras odeiam o mar!...

Não, não era por amor que ela se entregava aos amantes — sabia lá o que era amor!... Era para fugir à sua sina, para esquecer aquela vida, para enrodilhar o seu sonho em farrapos de ilusões.

A todos os seus amantes falava em ir viver com êles, suplicava-lhes que a arrancassem daquela vida de horror.

Punha-se a arquitectar: — «iria para fora com êle — o salvador — passar dois meses... depois, voltaria para a *vida nova*... e como haveria de se lhe mostrar reconhecida!... vivia feliz assim tanta mulher!... e — quem sabe! — a sorte não havia de estar sempre contra ela — talvez conseguisse o divórcio e casasse com êle... ou talvez o marido viesse a morrer breve...»

Fôra assim, de tanto insistir nas suas súplicas, que o Tomás abalara e que os outros abalaram também... Ah! mas agora estava mais

firme no seu propósito — não se entregaria a mais ninguém a não ser àquele que a levasse consigo... para sempre!... Havia de defender-se, havia de ter recursos para conquistar o seu quinhão de felicidade!... Pois quê — a vida tanto lhe sorrira, em rapariga, e havia de continuar a fazer-lhe cara feia?!... Não merecia ela ao menos uma felicidade mesquinha, como esmola?!... Porque a castigaria Deus daquela maneira?!... E, com inquietação, dava-se a rebuscar as suas culpas... Ah! não! Havia tanta gente feliz e que o merecia menos do que ela!... E a revolta queimava-lhe os nervos e o cérebro, latejava-lhe nas fontes.

E um dia o seu desígnio realizou-se. *Êle* aceitara passar a viver consigo... e era rico!... e era ainda novo!...

Vieram-lhe entusiasmos de criança!... Andava no ar, numa excitação violenta de todo o seu corpo, de tôda a sua alma!...

Saíu de casa sem nada deixar dito ao marido, sem um afago ao filho, que para ela não

era mais do que um símbolo de náusea da vida que deixava.

Desabrochou nela uma *outra*.

Tôda a ternura, todo o entusiasmo da sua alma sêca foi espremida para lhe dar—a *êle*!... Scintilava nos seus olhos um riso embevecido!... Via as côres com outras côres, via-as tôdas no tom da sua alegria...

Mas, a desgraça espreitava-a!...

Passados pouco mais de quinze dias, encontrou-se sòzinha num hotel de província, quási sem dinheiro e quási sem roupas, enrolando e desenrolando estùpidamente, uma carta grosseira de despedida.

Ficou aparvalhada. Abria muito os olhos para ver, cravava as mãos com muita fôrça na cabeça numa grande ânsia de compreender... e nada!... Nem a própria dor sentia!... A derrota amarfanhara-a num torpor que lhe arrancara nervos e lhe tirara o pensar.

Veio-lhe febre e a febre levou-a à cama. Correram os dias. Com a convalescença vol-

tou-lhe a percepção das coisas, — o seu pensamento, agora lúcido e cruel, esgravetava os aspectos mais desoladores da vida. Mas, fraquinha como estava, a sua sensibilidade era tão melindrosa como o arminho... e passava horas e horas muito encolhida nos lençois, fazendo-se pequenina, com o rosto escondido nos braços, a chorar devagarinho num gemido baixo e continuado, delindo em lágrimas tôda a aspereza da sua alma mal formada.

Voou-lhe no pensamento uma e mais vezes a idea da morte, mas a convalescença firmava-lhe fortemente nos pulsos frágeis as algemas da vida.

Sentia-se culpada e procurava no sofrimento o alívio das suas culpas. Nem o mais leve assômo de revolta contra o destino a sacudia!... Nem um pensamento de ódio para êles!... Via-os como agora sabia serem todos... Nenhum lhe deixara uma recordação espiritual, por mais ligeira, um simples traço de delicadeza ou de ternura!... Todos tinham procurado go-

sar grosseiramente uma aventura de amor — de amor?! — sem um frémito de sentimentalismo, sem uma intenção que não fôsse reles... Para que os censurar?!... Não se lhes entregara ela também sem amor, sem entusiasmo e sem grandeza, miseràvelmente, buscando apenas uma melhor situação na vida?!...

Fazia por afugentar a lembrança do marido, mas ela estava sempre, em brasa, no seu pensamento!...

Pobre Elísio! O que se sacrificara e sofrera por ela!... E nunca tivera quem o acarinhasse, nunca tivera um dia de rútila alegria, uns momentos de felicidade ou de doçura!... A vida, para êle, fôra sempre como uma vereda estreita tôda ladeada de silveiras: — tinha de andar nela encolhido para evitar os espinhos!... E uma mágua profunda confrangia a alma de Margarida!... Ah! se ela se tivesse acomodado à vida, a sua ternura e a sua dedicação poderiam ter feito desabrochar nêle um outro ser, cheio de confiança, forte, com ânimo para lutar!... E ela

mais amachucara o seu temperamento fraco em desconfiança, em receios, em humilhações aviltantes!...

Não poder ela reparar com o sacrifício de todo o seu corpo e de tôda a sua alma aquela existência destroçada!... Não se poder voltar atrás na vida!... E o filho?!... Em que estado ela andava que nem nas horas más a amparara a lembrança do filho!!!... E sentia-se indigna como ainda o não fôra outra mulher!... Sufocava-a uma vontade fervorosa de se humilhar, de se rojar pelo chão, mais mesquinha que a poeira!...

Não lhe voltara a idea de se matar. Nem por um só momento se julgara digna de perdão, vira a possibilidade de voltar a viver com o marido!... Não, isso levaria o escárneo à desgraça dêle, tornar-lhe hia o sofrimento risível e grotesco.

Estava quási boa, já andava pelo quarto agarrada aos móveis.

Decidira do seu futuro com firmeza. Lembra-

ra-se da sua antiga habilidade em arranjar vestidos, do gôsto que todos lhe reconheciam... Iria trabalhar, viver humildemente. Resgataria assim as suas culpas, impondo respeito pela sua dor, reabilitando-se para que o filho se não envergonhasse dela quando começasse a compreender a vida, para que o marido não tivesse de continuar a sofrer por sua causa a troça dos outros.

E' que a desgraça, no seu arrauco maior, inundara-lhe a alma de bondade e de ternura, —fizera brotar naquela alma mirrada pela vaidade e pelo egoismo a ânsia de sacrifício e renúncia que lhe marcava um novo trilho na vida.

IV

Custou-lhe a decidir-se ir à sua antiga casa buscar a roupa que não pudera levar quando fugira, mas a necessidade empurrou-a.

Deixou passar o meio dia para ter bem a certeza de que o marido tinha saído e encaminhou-se para lá, apressadamente para que na rua não dessem por ela.

Passara despercebida na vizinhança, mesmo porque levava um vestido que pouco usara, pusera véu e com a pele procurava esconder a cara o melhor possível.

Num só arranco, como que receando pensar no que fazia, subiu os dois lanços de escada,

ganhou o patamar do primeiro andar e puxou nervosamente o cordão da campaínha.

Veio abrir a rapariga, que ao vê-la atrapalhou a língua na bôca sem saber o que dizer ou o que fazer e acendeu-se-lhe nos olhos o clarão do espanto.

Sem uma palavra, Margarida empurrou-a e meteu ràpidamente pelo corredor. Mas, ao passar à porta da casa de jantar, estacou, como se um abismo se tivesse de repente aberto a seus pés.

Sentado junto da janela, para aproveitar o sol, estava o marido. Tinha o sobretudo pelas costas, a barba e o cabelo demasiadamente crescidos e um ar emmagrecido e lívido de febre.

Voltou a cabeça para ver quem era e o seu rosto e o seu olhar continuaram sem expressão, num grande alheamento...

Houve momentos de silêncio, depois ela descobriu um pouco de ânimo.

— «Não venho para te atormentar mais... Mas, tenho aí ainda diversas coisas minhas, roupa...

e tenho necessidade disso... Pensei que não estivesses em casa, se soubesse não viria... E' desagradável falarmos depois do que se passou... Não queres a minha roupa para nada, de certo não te oporás a que a leve, não é verdade?... Não a deves querer para nada... Consentes que a leve, não é assim?...»

Saíam-lhe as palavras atabalhoadamente, com as sílabas desligadas, umas num tom, outras noutro, como quem não está habituado a falar.

Êle voltara de novo o rosto para o sol e nada dizia, conservava-se imóvel como que se a não tivesse visto, nem ouvido.

Margarida ficou-se à espera da resposta, embaraçada, e, vendo que a não obtinha, decidiu-se e entrou resolutamente no seu antigo quarto.

Desmanchou gavetas a escolher coisas à pressa, na impaciência invencível de acabar com aquilo ràpidamente. Foi atirando com tudo para cima da cama, e, quando não viu mais nada em termos para levar, ensaiou fazer em-

brulhos com jornais, mas teve de desistir porque não lhe era possivel levar tudo assim.

Procurou uma mala, esvaziou-a do que ela tinha dentro e que pertencia ao marido, e começou a arrumar lá as suas cousas. Mas, a meio desta tarefa, teve escrúpulos: — a mala não era sua, não a devia levar assim, sem uma explicação...

Hesitou por momentos, depois distendeu os braços, fez-se forte e foi direita à casa de jantar. Mas, ao olhar outra vez para o Elísio, arrependeu-se, teve um movimento para voltar para trás e foi com a voz um pouco sumida pela comoção que lhe disse da ombreira da porta: — «Não tenho em que levar as minhas coisas... Podias emprestar-me uma mala para isso. Eu mandar-ta hia por quem a levasse... Não te custa nada!... Não vais de certo querer vingar-te, mostrar o teu ódio por mim numa coisa tão pequena... Posso levá-la, sim?... Não a estrago e mando-ta logo... Não dizes nada!... Faze ao menos sinal que sim...»

Sem se voltar, sem alterar em nada a sua posição, o Elísio, como ela fôsse de novo insistir, respondeu-lhe em tom de enorme desalento:
—«Vai, mas é cuidar do pequeno... anda para aí... nem sei como!...»

Teve de agarrar-se à ombreira da porta. Estava ainda muito fraca e os nervos não lhe aguentavam a comoção.

Rompeu a chorar convulsivamente. Nem ao entrar em casa lhe viera o desejo de beijar o filho! Tinha vergonha dêle! Receava ser indigna de lhe tocar!...

Depois, foi em sua procura e passou a tarde tôda com êle no regaço, a chorar, a chorar, a dar-lhe lágrimas em compensação dos beijos e dos carinhos com que lhe faltara.

Começou então para êles uma vida que antes nenhum imaginava ser possível.

Margarida improvisara, sem confôrto, a sua cama num outro aposento, para deixar só para o marido o antigo quarto de ambos, e não ia comer à casa de jantar.

Evitavam encontrar-se e das poucas vezes que tal sucedia desviavam o olhar. Envergonhavam-se um do outro—êle pela sua fraqueza, ela pelo seu abandalhamento.

Não voltaram a trocar palavra. Quando era absolutamente indispensável entendiam-se por intermédio da criadita, mas nunca em forma de recado.

Dentro daquela casa exígua, de poucos e pequenos compartimentos, realizavam o impossível:—cada um levava uma vida à parte do outro, procuravam ignorar recìprocamente as suas existências.

Em poucos dias tôda a casa se transformou. Margarida despedira a mulher a dias que o marido tomara quando ela fugiu, levantava-se de madrugada e passava o dia todo a lidar, sempre muito ocupada, sempre encontrando que fazer, a dar o seu trabalho e o seu devotamento em resgate das suas culpas.

Não saía à rua, nem aparecia à janela, menos por vergonha própria do que para não dar

a saber aos outros que o marido a recebera e com ela vivia de novo.

Perseguido pelas suas mãos, o desleixo fugira de vez, não havia já recanto em que se aninhasse, nem vestígios do seu antigo domínio.

Parecia a casa mais alegre, ter mais luz mais sol, por tudo andar muito cuidado.

O pequeno de aspecto deplorável que era o filho transformara-se numa criança encantadora, animada de alegria. Passara a andar sempre muito limpo, muito arranjadinho, com a sua cabeleira loira e encaracolada, muito tratada. Perdera de todo o ar chorão, ficara mesmo com um aspecto travêsso e contente que bem denunciava o mimo com que ùltimamente era acarinhado.

Margarida punha nas coisas do marido um cuidado especial. Sem nada ter dito, êle encontrava sempre à mão o que necessitava, como se a um anjo tutelar lhe tivesse dado para adivinhar os seus mais insignificantes pensamentos e vigiar as mínimas particularidades da sua existência.

A vaidade, êsse pássaro majestoso de larga e vistosa plumagem, há muito que voara da alma de Margarida e se perdera no espaço. Era agora tôda humildade. Não se preocupava consigo. Um só pensamento tinha o seu pensamento e um só desejo o seu desejo — dar tôda a ternura e tôda a dedicação de que fôsse capaz ao filho e ao marido. De nada mais queria saber e a êsse propósito tudo sacrificava.

A pouco e pouco foi medrando nela um sentimento profundo, uma veemente adoração pelo marido — por aquele ser fraco que preferia colocar-se na situação de vencido a lutar, por aquele ser que desconhecia a alegria embriagadora do triunfo e as mais simples alegrias da vida... mas, que lhe votara um amor constante, um amor forte que aos mais duros embates da desgraça resistira... mas, que tudo lhe sacrificara, lhe sacrificara a tranquilidade da sua vida, sem nada receber em troca e sem nunca se mostrar arrependido... Punha-se a compará-lo aos outros, a imaginar os outros nos casos dêle... e via a

figura do Elísio crescer, engrandecer-se, na cruz do seu martírio, engrinaldada pelo seu pensamento sempre puro e pela beleza do seu sacrifício... E uma ternura imensa, alastrante, percorria-lhe, em tremuras, os nervos e a epiderme, dava-lhe vontade de se atirar a êle sôfregamente, calando a sua repulsa com beijos frenéticos, sem fim — os beijos que deixara de lhe dar!... Mas, retraía-se, sufocava em chôro a sua ânsia... Como podiam os seus lábios impuros apagar a mancha negra e repugnante do passado?!...

Foi num domingo. Era inverno e havia frio e sol. A fazer horas para o almôço, o Elísio deixara-se ficar na casa de jantar, entretido com o pequeno, que sentara nos joelhos.

Veio a criadita chamá-lo para a Mãe lhe dar um remédio, mas êle teimava em não deixar o Pai.

Como a rapariga o não conseguira trazer, Margarida atreveu-se até à porta a chamá-lo, mas êle teimava, que fôsse a mãe, ali, dar-lhe o remédio.

O marido nada dizia, não olhava sequer para ela, apenas continuava a acariciar o pequeno, sem nada fazer para que êle fôsse ter com a Mãe.

E Margarída turvada de funda comoção, foi dar-lhe o remédio com êle sentado nos joelhos do Pai. Deixou cair a colher, desastradamente, ia entornando o frasco, e, sem ânimo para se ir embora, não sabendo como o fazer, deixou-se ficar, sentada no chão, a acariciar também o filho.

E houve um momento em que as mãos de Elísio e de Margarida se tocaram na cabeleira loira do pequeno e ambos, de repente, fugiram com elas a êsse contacto. Deixaram de fazer festas ao filho e êle, animado e gàrrulo, agarrava-se à Mãe, não a deixando levantar-se.

Ficaram-se os dois num enleio, numa comoção infantil que nem os deixava mexer-se.

Caía o sol sôbre êles, havia naquele comêço de tarde uma calma cheia de doçura e na sua gaiola, á janela, um canário saltitava de contente, interrompendo e recomeçando,de momento a momento, a canção da sua alegria sem turvação.

ROMAGEM DOLOROSA

Cedo ou tarde, desesperamos de encontrar na vida a Princesa Encantada que a fantasia do nosso desejo e a inquietação do nosso espírito debucharam em linhas caprichosas e vagas.

Ficou lograda a nossa ansiedade, ardeu em vão a mirra do nosso sonho, não há água que chegue para nos matar a sêde.

A Princesa Distante não chegará jamais — é inùtilmente que a esperamos.

Resta, apenas, àqueles de espírito requintado, a doce e maguada resignação de se convencerem de já a ter perdido.

Nunca a natureza me pareceu tão triste. Longe, no sino duma igreja, batiam as trindades. A voz do bronze, lenta e melancólica, derramava-se pela soledade dos campos em frémitos morosos, com uma inflexão de lamentos tresmalhados... E vinha dedilhar nos meus nervos uma perturbadora angústia, ia confranger as árvores e as côres alegres das searas.

Tocadas de mística unção, as coisas, ainda as mais mesquinhas, pareciam adormecer num sono de pedra.

Havia na paisagem vestígios duma tristeza infinita — eram os meus olhos que entristeciam a paisagem.

Fui apressando o passo.

Na minha frente, a estrada continuava os seus trejeitos negligentes, quebrando-se em curvas demoradas. Escurecia lentamente.

Apenas se ouvia o murmúrio duma fonte, perto, numa eterna vigília de rezas, desfiando o seu rosário de água.

E, enquanto caminhava, ia topando conhecimentos velhos: a figura cansada de certas árvores, a configuração do terreno e das culturas, o mínimo detalhe da estrada. E sentia crescer em mim uma ternura imensa por tôdas essas coisas simples e amoráveis que tão bem conheceram a Maria Júlia e que os seus olhos tanta e tanta vez ameigaram.

... Dava-me vontade de abraçar comovidamente as árvores venerandas, que a tinham visto crescer, dizer-lhes a minha dor, chorar com elas...

Cruzou comigo uma rapariga do campo, com um molho de erva à cabeça — nem a cara se lhe via.

Salvou-me maquinalmente, com a voz rouca do sol, e eu voltei-me, um momento, para a ver andar de costas, as saias alteadas por uma corda, pernas fortes, encardidas, ao léu até ao artelho, o braço direito segurando a erva e o esquerdo num vai-vem ajudando a marcha.

Lá recolhia a casa, apressada no baloiçar das suas ancas. Nem dava pela melancolia da paisagem! Bemdita seja a paz da sua alma. Deus lha conserve.

Inquietos de ansiedade, os meus olhos avançavam, espiando, pela brancura torrada da estrada — um caudal imenso de poeira, com fôfos de alcatifa, em que os meus pés se enterravam, desesperadoramente.

Em duas alas, como uma procissão que se tivesse quedado, os plátanos á beira da estrada, pareciam medir a distância duns aos outros. E era vê-los, à luz melancólica do crepúsculo, altivos e vaidosos como artistas caídos, desdenhando-se mùtuamente no seu desdém cansado, tentarem gestos, gestos duma beleza impossível,

gestos que fôssem mais elegantes que a sua elegância esgrouviada.

De novo o meu olhar procurava na paisagem o sulco do passado. E punha-me a descobrir nas coisas aspectos bizarros, aspectos irreais, inverosímeis... dava-me a vestir as coisas com a minha alma.

Num momento, senti alarmarem-se os meus nervos, sacudidos no mesmo estremeção. Tinha avistado a casa da Maria Júlia, de-repente, ao acabar uma curva da estrada. E o scenário do passado surgia na minha memória com a nitidez dum esmalte.

Além, mesmo à beira da estrada, lá estava a casa dela, com o seu telhado debruado de fingidas ameias, tôda vestida de trepadeiras e de rosas de chá, que a escalavam na ansia fervorosa de a abraçarem nos seus braços amorosos e tenros... E à frente o jardim, com os seus minúsculos canteiros, as áleas breves, emmaranhadas no entrecruzar caprichoso das curvas, os caramanchões de lilases e os lilases das grades

do jardim... E parecia-me que se adensava em seu redor uma sombra, uma grande sombra, que a oprimia no silêncio crepuscular daquela hora, tornando-lhe imprecisos os detalhes, que a minha saudade ia retocando na memória.

Olhei, em volta, a paisagem — a paisagem que eu ia reconhecendo nas suas minuciosidades — e, comparando-a com a imagem que dela, outrora, em mim ficara gravada, admirava-me a sua mudança de aspecto, a notável dissemelhança das suas fisionomias. A paisagem que a minha memória retinha era mais luminosa, era uma paisagem inocente, sem dor

Via-se sorrir, num sorriso fresco, juvenil, com um timbre de feminino encanto. Aquela que eu, então, via era a mesma sem dúvida — mas já sem inocência, sem alegria. Toldava-se de sombras, sombras misteriosas que a tatuavam de sofrimento.

Havia um mal de alma na paisagem.

Estava já perto, e à medida que a distância se encurtava o meu andar ia-se demorando cada

vez mais sob a influência duma bem funda comoção que em crescente me tocava como a um devoto ao aproximar-se dum santuário, — e era para o santuário da minha saudade que eu me dirigia em romagem dolorosa.

E foi com o ânimo delido e o coração num pulsar descompassado que encostei o meu rosto às grades do jardim onde os lilases murchavam na mágoa de não mais a verem, de não mais sentirem a leve carícia das suas mãos de santa, — os lilases que, para serem mais belos tinham tomado a côr dos cílios dela.

...E dei largas à minha saudade, deixei falar em mim as queridas recordações dum bem que de-pressa perdera, e sentia que a dor se extravasava do meu ser, se ia comunicando ás pedras, à própria terra, ia desvigorar a seiva das árvores e das plantas, andava pelo ar esparsa, a diluir-se, como o fumo sagrado dum turibulário.

No silêncio, ia nascendo a noite, e o meu olhar, sem fixidez, vagava ao acaso pelo jardim

abandonado, indo das janelas da casa, desoladoramente fechadas, às cameleiras solitárias, das cameleiras aos canteiros que ela mais mimava.

A cada momento, parecia-me sentir rumor de areia pisada, como se alguém caminhasse nas áleas do jardim. Apurava o ouvido, turvado de ansiedade, no receio pueril de ver surgir o vulto franzino da Maria Júlia, envolto no seu costumado roupão branco, o cabelo desarranjado em ondas pretas, na tempestade de sofrimento, os seus olhos de dolorosa aflitivamente grandes — olhos de quem vê para além da vida —, tossindo, tossindo, sufocada pela tosse que lhe pintava duas papoilas de sangue nas faces marfilíneas, os braços cruzados sôbre os seios magros, de mãos abertas, como a segurar o peito para que se lhe não desfizesse tão de-pressa...

E sentia que um calafrio me percorria todo o corpo, como se o olhar da morta, aquele seu olhar de além-tùmulo, que no final da

doença tanta vez lhe surpreendera, me andasse procurando para fitar muito em mim o seu olhar marejado da angústia inexprimível de me deixar na vida sem o confôrto da sua ternura, sem o forte amparo dos seus braços débeis como vimes.

Era assim que eu sempre a via na memória, açoitada pela doença, doente de bondade e de ternura, tão pura e linda como as suas queridas camélias brancas, numa ascenção para Deus.

Mas, nada perturbava a desoladora quietitude daquela hora no jardim abandonado. Na melancolia do silêncio, apenas ouvia os rumores da minha imaginação delirante buscando no suplício cruel do sofrimento represado o abafar do ritmo doloroso dos meus nervos, a vibrar, a vibrar, destrambelhados, como cordas dum violento tresloucado.

Andava já a noite na sua faina a polvilhar de sombras a paisagem, esbatendo contornos, abafando a voz das côres, e no jardim, que a penumbra transfigurava ao meu olhar de sau-

dade, as flores já nasciam murchas e o verde das plantas era cada vez mais pálido, cada vez mais anémico.

... E assim as flores e as plantas iam definhando, lentamente, mirrando-se na saudade das mãos que outrora para elas eram tão cheias de mimos — iam definhando, lentamente, tuberculosas.

O DESFOLHAR DAS ROSAS

O amor dura tanto como o desfolhar duma rosa.

(Da tradição popular)

Em nenhum outro jardim podia haver tantas rosas. Também jàmais se tinha juntado tanta variedade delas.

E Leonor, maravilhada, andava desde manhã cedo pelo jardim, ora a correr em perseguição das borboletas, que de tão grandes e belas pareciam pintadas, ora parando, muito entretida, a espreitar as flores... tal era o deslumbramento nos seus olhos!...

Sem ela se aperceber do aroma das rosas, tão variado e penetrante, ia-lhe, a pouco e pouco, ennevoando a límpida inocência dos seus pensamentos. E enquanto contemplava, fascinada, umas rosas grandes, dum vermelho quási negro,

em cujas pétalas, dum misterioso silêncio, os seus olhos já viam pirilampejar pontos de oiro, um pé de vento veio refrescar-lhe as fontes da cabeça e desfolhar as pétalas mal prêsas das rosas brancas e vulgares duma roseira vizinha.

Os seus olhos, agora, eram só para as pétalas caídas.

Deixara-a preocupada aquele imprevisto chuveiro de pétalas brancas.

Nas corolas apenas uma e outra tinham ficado na saudade das carícias das borboletas.

Num repente, depois duns momentos de meditação, Leonor, partiu rápida e ligeira, quási correndo, em procura do avô. E foi encontrá-lo sentado na borda dum tanque, onde peixes encarnados volteavam lentos com um gesto de modelar curvas imaginárias na água parada. E sentou-se-lhe ao lado, passando-lhe um braço pelo pescoço, enquanto êle lhe acarinhava as faces com as suas longas mãos descarnadas, todo embevecido na candura dela, das amêndoas azuis dos seus olhos, das duas caprichosas tranças em que o

seu cabelo preto se lhe apertava no meio da cabeça...

—«Será verdade, avô, que o amor dure tanto como o desfolhar duma rosa?»—perguntou ela, enleando-o na inocente curiosidade dos seus quinze anos. — «Foi o que eu li num poeta inglês!»

«Deixa falar os poetas, Leonor. Nunca lhes dês ouvidos. Os poetas são pessoas que não teem o sentido das proporções, nem da perspectiva da vida. Generalizam tudo,—apoucam o que é grande e engrandecem o que é minúsculo. Falam muito de si próprios e cada um dêles se julga o centro do universo... Olha em volta de ti. Nunca viste tanta rosa. E, no entanto, até dentro da mesma espécie, umas demoram mais a desfolhar do que outras. Há rosas tão débeis que uma simples aragem desfolha e outras — repara náquelas vermelhas e carnudas, quási rudes — tão sólidas que levam tôda uma estação a desfolhar-se. A umas caem-lhe as pétalas ainda viçosas, a outras só lhes caem as pétalas fanadas... Assim no amor.

O amor não é um só. Tem espécie como as rosas, e como elas se desfolha, tem côr, perfume e frescura... E, para ser maior a semelhança, nem os espinhos lhe faltam. E também como no amor, os espinhos das rosas não são iguais: — há espinhos grandes e duros e há espinhos flexíveis e rosados que às nossas mãos às vezes apetece sentir rasgar a própria pele...»

— «E não há rosas cujo desfolhar dure mais duma estação?»

— «Há, sim, Leonor. São rosas duma espécie rara. Precisamente como no amor: o amor vulgar — o amor instinto, o amor vaidade, o amor ociosidade... tanto amor mais — êsse tem um breve desfolhar, tal qual o desfolhar das rosas vulgares. Mas anda daí. Vou mostrar-te uma roseira que tenho na estufa lá ao fundo em cujo desfolhar não acaba. Por cada pétala que cai outra nasce e assim está sempre perfumada e fresca, seja inverno ou seja verão... Também o desfolhar do amor que brota nos corações belos — o amor-amor — é uma constante renovação. Caem-lhe as pétalas

antigas empurradas pelas novas e as próprias pétalas que caem são viçosas, perfumadas, dão-nos o perfume da felicidade passada. O amor verdadeiro, Leonor, é querer-se a alguém mais do que a nós mesmo... E não mais acaba de desfolhar-se, cada vez nascem mais pétalas: é que ao amor verdadeiro por verdadeiro amor correspondido ajunta-se-lhe o reconhecimento, a gratidão recíproca, que o fortalece e o revigora... »

— «E então essas rosas duram eternamente?!...»

— «Não, Leonor. Essas rosas acabam de se desfolhar... quando a roseira seca.»

REFÚGIO

Eu gosto mais de imaginar a Vida do que sentir a Vida, porque imaginando-a ela tem espiritualidade, beleza, elevação, e sentindo-a magôa-me a sua crueldade, desespera-me o instincto animal que nela predomina. Por isso, eu, que tenho de viver a Vida, escondo dos outros a minha sensibilidade como uma coisa ridicula, ponho-a para detrás de mim quando é preciso lutar — ando sempre com ela bem defendida por uma couraça de desprêzo e irritação.

...Mas, o meu maior desejo era poder sentir a Vida apenas lá muito ao longe como se ouve o clamor do mar á distancia — o bramir da água imensa na imensidão.

Páginas arrancadas a um livro de memórias:

Como há muitos meses não saía, o meu passeio de ontem pela cidade veio encher o meu espírito de inquietação.

Sempre vivi nesta casa, onde morreu minha mãe, onde morreu meu pai e dentro da qual a Januária heròicamente me defende da luz do sol e dos rumores do mundo.

Depois que sou verdadeiramente homem, poucas vezes daqui tenho saído, e de tôdas essas vezes tenho regressado com uma tão entranhada vontade de nunca mais sair, de fechar, sem comunicação, a minha existência, dentro destas paredes, que chego a suspeitar que em mim seja um instinto êste meu horror irrepremível por

tudo quanto me é estranho, por tudo o que me não seja familiar.

De tanto a pulir a sós comigo, todo o movimento, todo o ruído, tôda a mudança de aspectos que eu não tenha previsto com antecedência e calma, martiriza a minha sensibilidade, educada a descoberto, sem a mínima defesa.

Tinha resolvido não sair de casa tão cedo, ou, com maior rigor de verdade, não formava a menor tenção de sair. Para o poder fazer sem grande choque necessitava habituar-me com regular antecedência a essa idea, determinar prèviamente os sítios aonde iria, as ruas por onde teria de passar, as pessoas com quem falaria, e o que lhes havia de dizer — enfim, prever, no possível e em todos os detalhes, tudo quanto pudesse vir perturbar a doce quietação em que embalo a minha sensibilidade.

Sair de casa é, pois, para mim um acontecimento extraordinário, uma coisa alarmante. Tudo levaria a supor que só um facto impor-

tante me faria sair, de repente, sem preparação prévia para tal. Mas, são precisamente os factos mais importantes que determinam consequências de diminuta importância e é dos factos insignificantes que derivam sempre as grandes consequências. A mim foi uma incómoda dor de dentes que me levou a sair, assim, dum momento para o outro, com uma leviandade e uma temeridade de que me não julgava capaz.

Quando comuniquei à Januária o meu propósito, vi-a estupefacta, enrodilhando o seu pensamento simples e os seus sempre tão carinhosos receios num espanto que a sua naturalidade não soube conter. Chegou mesmo a pôr uns obstáculos quaisquer que a sua perturbação me não deixou perceber. E no entanto, ela própria, a mesmíssima Januária, era quem andava há uns bons dois meses a querer obrigar-me a sair. Pensava eu que ela ficaria muito satisfeita, pois que poucas eram as ocasiões que ela perdia de me empurrar para a rua, com pretextos tolos. Lembrou-se mesmo de me dar conselhos sôbre o que

eu deveria fazer no interêsse do meu *futuro* — como se eu outra coisa pudesse desejar que não fôsse que os dias que hão-de vir sejam precisamente iguais aos que passaram!... Eu bem percebia, pelas vagas referências que ela fazia à minha mocidade e à minha saúde, que tais conselhos não eram espontâneos e que tinha sido induzida a martelar-mos por sábia incumbência dum senhor médico, que certo dia se permitiu meter-me à cara sem me dar cavaco — aqui, nos meus próprios aposentos — e a quem teria atirado com um monte de livros acima se êle não tivesse tido o bom senso de deixar a sua missão em meio.

Andei mesmo uns tempos a estranhar-me, de irritado que fiquei com tão despropositado e importuno conhecimento!...

E compreenda-se lá a afeição humana, tôda ela cheia de contradições pelo que tem de consciente e de inconsciente!...

A Januária já está um pouco avelhentada. E como tudo o que é velho, já foi novo, ela teve

também a sua mocidade. Penso mesmo que se em vez da vida que tem levado junto de mim, sempre dentro destas paredes, tivesse continuado a viver na sua aldeia, a trabalhar nos campos, à luz do sol e às molhas da chuva, como foi criada, ela não teria envelhecido tão de-pressa, porque a sua idade ainda não é a da velhice. Verdade que ela anda bastante rabugenta, dá-lhe para falar consigo própria, quando está sozinha, ou para me vir prègar longos sermões, cujos intuitos não chego bem a compreender e que me deixam a impressão de que lhe vai faltando o tino. Coitada! Mal ela imagina, por êste meu geito de concentrado e sêco, o quanto a estimo o quanto lhe quero. E é que lhe devo muito! Se não fôsse ela, o que havia de ser de mim?!... A Januária é que tem vigiado e protegido todos os meus passos, todos os minutos da minha vida. Foi ela quem me criou, porque minha mãe poucos momentos viveu depois de eu nascer. E assim, foi ela quem me amamentou, quem me trouxe ao colo e quem me ensinou a

andar. A andar não me ensinou lá muito bem, pois que se melhor me tivesse ensinado eu andaria com mais prazer, — mas não lhe quero mal por isso. O que me não ensinou foi a rir e a brincar. Também como havia de ensinar-me a rir se, no tempo em que o devia ter feito, até mesmo quando cumpria os seus mais elementares deveres para comigo, não deixava de chorar o filho que perdera e cuja perda a minha presença mais avivava.

Depois que meu pai morreu, ela é de facto tudo nesta casa: minha tutora, minha única pessoa de família, minha governanta, administradora dos meus rendimentos e solícita fiscalizadora de todos os meus actos. Ela é a minha égide protectora, a única couraça que defende os meus hábitos e a minha sensibilidade. Nunca serão, por isso, demasiados todos os elogios que lhe faça e tôdas as provas de gratidão que lhe preste.

— «Manda chamar um carro, Januária, e avisa-me quando chegar» — assim concluí as necessárias explicações.

—«Então o menino vai sair de carro ?!» — disse-me ela com pouco espanto. A Januária sempre me tratou assim e estou certo de que, mesmo que fôsse completamente velho, não haveria maneira de a convencer a tratar-me de forma diferente.

— «Vou, sim, Januária. Está muito sol e tenho receio de me constipar... Mesmo, temo andar aos encontrões pelas ruas... e ter de falar a um e a outro...»: — foi o que lhe respondi, com suavidade, mas com uma firmeza que me não é habitual.

—«E' que lhe fazia bem ir a pé... Distraía-se... Talvez até lhe passasse esse aborrecimento!...» — objectou-me ela, um tanto surpreendida por lhe não pedir o seu conselho.

—«Mete-te na tua vida, Januária. Eu sei bem o que faço...»—retorqui-lhe, com um enfado que o seu carinho me não merecia, para lhe ocultar o verdadeiro motivo, que a mim próprio não queria inteiramente confessar e que era a minha grande e estrutural covardia pelos contactos da vida.

Despeitada, a Januária saíu para dar satisfação ao meu desejo e eu fiquei à espera.

Pouco depois veio dizer-me que o carro estava à porta. Preparei-me para sair. Entretanto, procurei dar firmeza ao meu corpo, empertigando-me, inteiriçando as pernas e os braços. Desci a escada, enganando-me com a aparência duma segurança de piso que não tinha, dei ao cocheiro a indicação de me conduzir ao consultório dum dentista de pouca clientela, entrei no carro e subi os vidros das portinholas. A princípio recusei-me a olhar para as ruas por onde ia passando, depois considerei que era tolice e pus-me a olhar, ora para um lado ora para outro, com uma certa curiosidade de análise. A muita luz fazia-me ver as pessoas e as coisas com um recorte vago, em que as linhas não estavam bem definidas. E, se bem que não ficasse tão surpreendido como pouco antes supunha, achava nas coisas uma côr mais acre, um aspecto mais duro que me feria o olhar, e nas pessoas, não considerando a excentricidade

dos seus vestuários, uma animação febril, uma rapidez nos movimentos e no falar que me amedrontava e me fazia suspeitar de que acontecimentos importantes, uns dolorosos, outros felizes, estivessem sucedendo àquela mesma hora.

Na sala de espera do dentista não estavam clientes, mas tive de aguardar que um terminasse o tratamento. Enquanto esperava, entraram algumas pessoas, quási tôdas senhoras. Notei que me olhavam de soslaio e com estranheza. De facto, o meu vestuário amplo e já bastante antigo, em que há muito de comodidade e nada de elegância, o meu aspecto taciturno e pouco sociável, e a palidez do meu rosto, que, comparada com a palidez doutros rostos é um pouco esverdiada, devia causar-lhes certa curiosidade.

Confesso que me desagradou bastante o exame a que estive submetido e as apreciações em voz baixa que trocaram, segundo julgo acêrca da minha pessoa. Estive mesmo a ponto de me irritar. Mas, consegui vencer-me, talvez

que menos por energia e mais por covardia, e mandei despedir o carro.

Regressaria a pé. A curiosidade e os ignorados comentários daquela gente deram-me uma fôrça que eu não suspeitava em mim.

Quando chegou a minha vez, entrei e submeti-me ao tratamento, completamente alheado. Depois, cá fora, na rua, senti-me com menos fortaleza de ânimo, mas encaminhei os meus passos para casa, vagarosamente, mau-grado a minha ânsia em chegar de-pressa.

Fui caminhando rente às paredes.

Apesar disso, tive de suportar uns poucos de encontrões. Muitas das pessoas que passavam por mim, olhavam-me com insistência. Pensei que algumas talvez fôssem minhas conhecidas, mas o melhor era não me dar por achado, tanto mais que não tinha delas a mínima lembrança.

Nisto, vi que certa pessoa muito do meu conhecimento atravessava a rua, com um ar sorridente e seguro, com tôda a aparência de vir

ao meu encontro. Era o Ruy. Se eu tivesse amigos, dêstes amigos de conviver, o Ruy seria de todos sempre o preferido. Tem-me dado pela vida fora bastas provas da sua dedicação desinteressada. Mas, a minha amizade e o meu reconhecimento para com êle, não têm ùltimamente aumentado com os valiosos favores que me tem prestado. E isto porque essa amizade e êsse reconhecimento atingiram o máximo grau de que a minha quási negativa afectividade é capaz, numa época já bastante remota, no primeiro dia em que o conheci e a propósito dum caso que para qualquer outro seria trivial e a estas horas não lembraria já. Estou mesmo certo de que êle não conserva de tal caso a mais leve recordação. Mas, a mim, ficou-me bem impresso na memória. Foi num dos primeiros dias do pouco tempo que frequentei o colégio. Eu devia ter seis anos e êle uns nove ou dez e era dos mais adiantados. Quási todos os meus companheiros entendiam comigo e faziam-no com uma crueldade e uma ferocidade que me trazia apavo-

rado. Julgo que o meu retraìmento, os meus modos acanhados, o meu ar doentio e a minha precoce repugnância por barulhos, diversões e correrias, atraíam as suas diabruras. Não posso supor outro motivo, como também não posso supor que mais me pudessem ter martirizado. Houve um dia, então, em que estavam excedendo em muito a perseguição dos anteriores. Mas, o Ruy, que eu até ali não conhecia, interveio, e, com a sua autoridade de mais adiantado, opôs-se e repreendeu os outros. O que me não recordo bem é do que lhes disse. Conservo apenas uma vaga idea de que não disse coisas lisongeiras para mim, mas isso não me molestou porque desconfio que nem mesmo em criança tive a mais natural das vaidades. Daí em diante deixaram-me quási à vontade — só de longe faziam troça de mim e me atiravam com bolas. Fiquei-lhe tributando uma admiração profunda e respeitosa e um reconhecimento a que a minha ingenuidade e fraqueza de criança não punha limites nem condições. Ainda hoje, além

do meu amor por meu Pai e da minha amizade pela Januária, não tive outra afeição. Depois de sair do colégio, falei dêle a meu Pai, que o convidou para vir a nossa casa brincar comigo. De facto, veio muitas vezes. A nossa amizade fortaleceu-se, ganhou raizes, e já crescidos êle continuou a visitar-me e à sua amizade tenho recorrido e do seu sempre bom acolhimento tenho de-certo abusado.

E' curioso que de tôdas as minhas recordações as mais nítidas e precisas são aquelas de pouco antes da minha entrada no colégio até tempos depois da morte de meu Pai. Mesmo que isso não fôsse de estranhar, em mim seria natural pois foi nessa época que se passaram os factos mais graves da minha vida. Apenas me não recordo bem das palavras, mas as palavras passam e só as intenções e as atitudes ficam.

Pois, o Ruy lá vinha. Atravessava a rua com todo o aspecto de que o fazia por mim, e eu, em vez de correr ao seu encontro e de lhe abrir os

braços, cedi ao meu primeiro impulso, procurando evitá lo, querendo persuadir-me de que êle me não tivesse visto e de que o movia outro qualquer propósito... E pus-me a olhar estùpidamente os cartazes afixados numa parede.

Não tardou, porém, que eu me não sentisse agarrado pelas costas, envolvido num abraço forte e crivado de perguntas, entre não sei quantas exclamações de contentamento por me encontrar. Correspondi-lhe o melhor que pude, mas com grande esfôrço. Sentia o meu tórax um pouco esmagado pelo abraço que êle me deu. Este Ruy foi sempre assim: até nas coisas mínimas imprime uma certa violência, quer seja física, quer moral. E sem me largar, conservando-me agarrado pelas costas com o seu braço esquerdo, lá conseguiu levar-me, depois de eu o ter informado do destino que levava. Queria por fôrça acompanhar-me, e falava muito e gesticulava muito com o outro braço, o que me deixou sèriamente admirado. Pareceu-me mesmo que as outras pessoas não falavam assim, com tanta ra-

pidez e tão alto, e que não tinham os gestos tão bruscos, e tanta exuberância dêles.

Foi-me arrastando. Eu estava cada vez mais atordoado com as variadíssimas coisas com que a sua palavra fácil e volúvel ia perturbando o meu pensamento, todo êle habituado a uma santíssima calma. Mal lhe respondia. Apenas murmurava de quando em quando umas frases vagas, que me não atrevo a asseverar tivessem muita relação com o que êle ia dizendo ou que pudessem servir de resposta às perguntas que de onde em onde me fazia. E não me atrevo a asseverá-lo porque sentia a minha razão cada vez mais confusa, mesmo um tanto atordoada, e porque por mais duma vez lhe surpreendi um inequívoco ar de espanto ao ouvir as minhas palavras.

Em certa altura fez-me parar, tentando torcer-me o caminho. Queria que fôssemos não sei bem onde, a uma pastelaria qualquer, encontrar-mo-nos com uns amigos dêle, que o esperavam, para tomar o *chá da tarde*. Resisti, resisti

heròicamente, com uma obstinação tôda feita da minha covardia pela vida, da minha repugnância pela convivência de estranhos. Quis despedir-me, agradecendo-lhe a companhia. Que fôsse êle, já que amigos o esperavam. Eu regressaria bem, sózinho, a casa. Teimou, quis levar-me quási à fôrça, mas vendo que nada conseguia do meu heroismo covarde, renunciou ao seu *chá da tarde* e à palestra dos tais amigos para me vir acompanhar, mau grado os meus esforços para que o não fizesse. E começou a exprobar o meu modo de viver, a querer demonstrar-me a inferioridade dos meus hábitos.

Quando as suas calorosas exprobações me davam lugar, defendia-me sempre com a mesma frase: — «Mas, se a minha sensibilidade não suporta outra coisa!...»

Êle porém, continuava, teimosamente, e o meu raciocínio ia-se entorpecendo ao rumor descompassado, mas insistente, da sua prédica.

Junto de minha casa, parámos. Os meus dé-

beis esforços não conseguiram que êle abandonasse a sua idea fixa.

Recordo-me bem que me quis demonstrar que os meus hábitos e tôda a atmosfera do que me rodeia é que tinham deformado o meu espírito, atrofiado a minha natural vitalidade. Serviu-lhe de exemplo a minha própria casa, que ele me mostrou um casarão húmido de janelas demasiadamente espaçadas, com corredores extensos e soturnos, compartimentos enormes e o mau costume das janelas constantemente fechadas... E o bairro sem movimento quási fora da cidade, sem ter a vantagem da vizinhança do campo ou de arvoredos, e muito principalmente a rua, a rua estreita e solitária, onde ninguém mora a não ser eu, onde ninguém passa — uma rua comprimida e abafada entre muros altos e traseiras de prédios silenciosos, uma rua onde a vida se não sente e que está mais distante dela que o próprio deserto batido livremente pelo vento e pelo calor do sol em brasa... «Precisas sentir a vida.

Não se pode viver num túmulo!...»—repetia ele a espaços.

E eu, ao olhar para a minha casa e para a rua tôda, via-as de facto sob um aspecto novo para mim, pela primeira vez as comparava com outras. Parecia-me que êle alguma razão havia de ter, se bem que procurasse demonstrar-lhe o contrário, mas a independência do meu espírito repudiava em absoluto essa lei, que êle me apresentava como fatal, da decisiva influência do exterior social sôbre o interior humano. Mas, encontrava-me fatigado de emoções e de pensar, e sôbre a minha covardia mais uma vez assentava a defesa da liberdade do meu livre viver dentro do que êle chamava um túmulo.

Julgando-se prestes a convencer-me, procurava interessar-me, satisfazendo em parte os meus hábitos e procurando despertar em mim curiosidades. Daí a uns quinze dias, ele partiria para a sua casa de mar, numa praia de quietação e de vida de espírito exuberante. Eu acompanhá-lo-hia, e, se me não desse bem, regressa-

ria quando quisesse. Mas, dar-me-hia de-certo bem. A vastidão do mar e o silêncio das coisas manteriam a minha calma de espírito, o cheiro a maresia, a luz e o calor do sol renovariam a minha sensibilidade... O convívio seria diminuto—gente de espírito e de cultura, cujo trato e conversa dariam ar e equilíbrio ao meu cérebro... E depois, iria conviver com a mais fascinante criatura do mundo, com as vinte primaveras da Lucília, a encantadora Lucília dos olhos de água e de cuja bôca de lábios finos e vermelhos a maldade sangra, inocentemente...

Cheguei a dar-lhe esperanças de ir com êle, e, para que melhor me acreditasse, mostrei mesmo um certo interêsse em conhecer a donzela dos olhos de água.

Despedimo-nos, ficando êle de voltar em breve para assentarmos na partida.

Mas, logo que de todo me vi livre, mandando para o Diabo a dor de dentes, pelo incómodo que ela para mim representava, e por me ter obrigado a sair, chamei a Januária e reco-

mendei-lhe bem que eu *para todos* tinha ido passar uns meses, longe, com uns parentes afastados.

Nem sol, nem mar, nem conversas com gente de espírito, nem a menina dos olhos de água, de cuja bôca de lábios finos e vermelhos a maldade sangra, inocentemente... Nada disso eu quero!... E fiquei-me a olhar com uma grande ternura as paredes do meu escritório, a mobília, os livros, as mínimas coisas, nesta casa que momentos antes quási chegara a ver um casarão húmido e soturno, numa rua estreita e solitária, onde ninguém mora e onde ninguém passa, mais distante da vida que o próprio deserto... Não, não sairei dos meus hábitos. Continuarei a viver como até aqui, a viver em suspenso no meio da vida e sem a sentir, sem ela me contaminar. E o meu maior desejo é só daqui sair uma vez, quando me levarem morto.

Das últimas vezes que tenho saído — e bem espaçadas elas foram — sempre, é verdade, regressei a casa com o propósito formado de

não mais sair. No regresso, trago o meu espírito demasiadamente alarmado, a minha sensibilidade martirizada e ferida, e um mêdo inexprimível entranhado no meu pensamento. Fico horas e horas a não querer pensar e o pensamento a escaldar-me a testa e o meu coração a bater mais forte... Uma dúvida tremenda enche a minha vida de inquietação, durante dias. Mas, essa própria dúvida cança-se e a calma volta ao meu espírito... Eu bem pressinto o que está por detrás do que me dizem as pessoas com quem falo e o que significa a expressão pouco natural com que me olham as que apenas sabem quem eu sou. Mas, não tenho querido tirar a prova decisiva, sempre tive um grande horror em obter certezas, e, para mais, uma certeza como esta que poderia vir abalar profundamente a calma do meu espírito, que é a única felicidade que conheço. Desta vez, porém, o Ruy, foi muito longe no que me não quis dizer e muito longe tem ido também a Junuária nas suas prédicas sem nexo... E tão claras são agora para mim as in-

tenções dêles e dos outros que eu perdi o horror de obter a certeza de que há muito necessito. Talvez pela primeira vez na minha vida pensei afoitamente, com uma ousadia de raciocínio que me surpreende, e, ao fim de horas de prescrutadora análise, assentei na prova difinitiva. Ei-la. Propus-me escrever as minhas impressões, coisas do meu pensar e do meu viver. E tenho-as escrito com uma facilidade e uma lucidez que a mim próprio me deixam admirado. É certo que interrompi várias vezes este arrazoado, mas tambem êle já vai longo, o que, para quem não está habituado a escrever, é muito, é mesmo muito mais do que eu esperava. De quando em quando, suspendo-me para ler o que escrevi. Leio, releio... e encho-me de satisfação — um contentamento interior percorre todo o meu corpo. Mas, depois, a dúvida surge, imprecisa e atormentadora. Levanto-me, escolho um livro conhecido pelo seu equilíbrio, e ponho-me, detidamente, a comparar páginas dêle com as que escrevi. E a pouco e pouco esse contentamento

interior volta a percorrer todo o meu corpo. Para quem se não reconhece méritos de escritor, a comparação não pode ser mais lisongeira. Estou satisfeito, obtive a única certeza que ambicionei. Sempre que tiver disposição, hei-de continuar a escrever este caderno... E talvez um dia o mande ao Ruy para êle ler. Estou certo, de que há de ficar convencido de que a minha razão se não acha perturbada. Vejo que o meu racicocínio é claro, que chego a ter até qualidades de análise e de lógica... Depois dêle estar convencido do que hoje não está, aceitar-me há como eu sou e como desejo continuar a ser. E, então, de onde em onde, convidá-lo hei a visitar-me, poque já não sentirei nas suas palavras e no seu olhar o pensamento escondido e a quási compaixão com que ùltimamente me tem martirizado. Será através dêle que sentirei o Mundo, a Vida... e hei-de ouvi-lo depois melhor, como se êle me falasse de coisas passadas num outro planeta.

Eu gosto, às vezes, de ouvir falar da Vida

como gosto de ouvir falar dos livros que não conheço. Mas há muito que me deixei de ler livros que já não tenha lido. Um dos maiores prazeres é voltar uma página sem encontrar uma surprêsa. Só nas coisas previstas encontro sabor, por que as outras desnorteiam-me. E assim, hei-de viver sempre entre os mesmos livros, sempre com as mesmas predilecções. E um dia, quando a morte vier, há-de surpreender-me na leitura dum livro que já muitas vezes tenha lido. E eu hei-de dizer à morte, quando a sentir aproximar-se: — «Escusas de te fazer anunciar. Já há muito sei que virias — e não vens tarde, nem cedo, vens quando devias vir... E levas-me da Vida com uma serenidade que te surpreederia se para ti houvesse surprêsas. Levas-me sem eu te desejar, mas também sem eu desejar que me não leves.» É que a morte, mesmo a minha morte, é para mim um acontecimento como outro qualquer e um acontecimento que, sem horror, nem desejo, me tenho habituado a esperar.

Em vez de me preocupar o pensamento da

Morte, só o pensamento da Vida me preocupa. E, no entanto, nada há que mais tenha amoldado a minha maneira de ser do que a recordação da morte de meu pai! Ainda hoje ela projecta sobre todos os meus pensamentos uma sombra, uma grande sombra que me confrange o ânimo.

Tenho passado dias e dias a scismar sôbre ela, mas pelo que ela me pode dar de sentido da Vida. Quantas vezes eu tenho pedido à Januária para me avivar as minhas recordações de criança. E ela senta-se ao pé de mim e lembra-me, vai-me lembrando e avivando tudo, num falar tôsco, que a sua simplicidade salpica de superstições e de receios...

Quem agora me conheça pode supor bem o que foi a minha infância. Eu era uma criança sem alegrias, sem entusiasmos e sem desejos. Pouco falava e tinha uma predilecção especial pela quietitude. Tudo isto enchia a vida de meu pai duma tristeza que o vencia.

Ele poucas vezes saía, e, quando saía, pouco se demorava. Tôda a sua existência era dedicada

à minha, a ponto de chegar a desinteressar-se pelas colecções de raridades bibliográficas que tinham sido o seu enlêvo e uma grande fonte de satisfação para êle. Tudo abandonou por amor de mim. Inventava-me distracções com uma facilidade que bem demonstrava nêle uma fantasia fértil, e passava tardes inteiras a brincar comigo. Quem brincava era êle, porque eu mal mexia nos inúmeros manipanços e bugigangas com que me presenteava. Ficava-me muito quieto e muito atento, olhando para tudo o que êle fazia sem curiosidade. Ás vezes, a sua tristeza era tão visível, que eu inconscientemente me punha a mexer numa coisa ou noutra, sem vontade, para o consolar. De cada vez que êle saía trazia mais brinquedos. Chegou a havê-los em tôdas as casas, aos montes, a êsmo. Algumas tinham mesmo um aspecto estranho de bazar, mas dum bazar desarrumado e desprezado.

Quando ia passear com êle era certo pararmos em frente das montras das lojas de brinquedos. Então, aí espiava sôfregamente os

meus olhares, as minhas palavras. Se lhe perguntava qualquer coisas sôbre algum brinquedo ou se os meus olhos se detinham um pouco noutro, comprava-os logo. Mas, talvez por ter todos quantos poderia desejar, nenhum me interessava.

E assim, a vida de meu pai se consumia numa permanente angústia, que a saudade de minha mãe e o viver de isolado mais carregava.

A sua carinhosa ternura por mim não desanimava, porém. Passaram a vir, com frequência, a nossa casa e a pedido dêle, várias crianças de famílias conhecidas, para brincar comigo, Mas, eu limitava-me a vê-las brincar, fazer diabruras, escangalhar coisas, e olhava para tudo, atentamente, mas sem sombra de curiosidade.

Não tenho a mínima lembrança de ter alguma vez desarranjado algum brinquedo, e, no entanto, a minha memória conserva com inacreditável nitidez os mais insignificantes pormenores da minha baixa infância!... Teria alguma vez sucedido o mesmo com outra criança?!...

Meu pai resolveu-se a mandar-me para um

colégio, julgando que a convivência contínua com os outros rapazes a pouco e pouco me modificaria o geito de ser. Enganou-se, porque por pouco tempo pude suportar o colégio. Era para mim um martírio! Foi nêle que passei os dias mais amargurados da minha vida. Eu fui o bode expiatório de tôdas as pilhérias e de tôdas as diabruras dos meus companheiros. Procurava furtar-me o mais que podia, mas êsse meu retraimento ainda mais acirrava a crueldade pertinaz dos meus inconscientes perseguidores. Por isso talvez, eu fiquei sempre muito acreditado na ferocidade da espécie humana — a ferocidade que vive escondida sob uma aparência de solidariedade e que, de momento a momento, se denuncia.

Tantos e tão insistentes foram os meus rogos que meu pai desistiu de me tornar como os outros, pela convivência com êles e levou-me para casa. Começou, então, para êle a maior tortura, um tormento de todos os instantes. Não me abandonava um só momento — era o meu professor, o meu preceptor e o meu companheiro de

brinquedos. E eu correspondia o pior possível à sua heróica solicitude!...

Que alegria para êle quando suspeitava, em mim, um pequeno contentamento, um ligeiro interêsse! Mas, eu falava pouco, não mostrava desejos e amava demasiadamente a quietitude!...

Ainda hoje sinto os olhos de meu pai, cravados em mim, numa ansiedade cançada, numa esperança quási desiludida, marejados duma angústia inexprimível!

Oh! Meu Pai, perdoa-me! Eu não te compreendia... era criança de mais para que pudesse adivinhar a tua excruciante angústia!... Eu só mais tarde soube... só mais tarde, quando tu, meu santo, ias para junto de minha mãe!... Ah! se eu te tivesse compreendido há mais tempo! Havias de ser feliz!... Verias como eu sou bom, como eu seria alegre por amor de ti... E haviamos de rir muito, haviamos de brincar muito, tanto que à noite estariamos moídos... E, ao outro dia, eu ir-te-hia acordar, depois de ter es-

condido as tuas botas e o teu fato... partiria todos os bonecos que me comprasses, saltaria e correria muito, faria imenso barulho... E tu serias feliz! E tu talvez ainda não tivesses morrido!... Perdoa-me, meu Pai. Eu não sabia... se soubesse, verias como eu sou alegre, verias... que até o sol entraria melhor em nossa casa!...

Os dias iam-se sucedendo sempre iguais, sem uma modificação no nosso viver. Mas, uma tarde, tinha eu sete anos, ao entrar na casa de trabalho de meu pai, vi-o estendido no chão, com uma perna dobrada, o tronco levemente torcido, a cabeça descaída e sem um movimento. Tenho na minha memória, bem gravados, todos os mínimos detalhes, com tôda a fôrça do meu pavor de então — uns livros tinham caído de sôbre a sua mesa de escrever para junto dêle e o tapête ficara bastante torcido. Meu pai sofria duma lesão cardíaca: estava talvez sentado a ler ou a escrever, sentiu-se mal, levantou-se, mas logo teve de se amparar à mesa,

até que o ataque fatal o prostrou, sem um grito. Em casa só estávamos os dois e a Januária, e nem eu nem ela tínhamos sentido qualquer rumor.

O que então se passou ainda hoje me enche de alucinações. Eu não sabia o que era a morte! Nunca tinha visto ninguém morto! Não podia compreender que meu pai não mais se mexesse, não mais me falasse, não mais as sua mãos acarinhassem os meus cabelos!... E ao vê-lo inerte, inteiriçado, frio, de olhos abertos e vidrados pela dor, tive a noção inconsciente do perigo, um mêdo atroz e violento apoderou-se de mim... e, ignorando que meu pai deixara de sofrer, querendo fazê-lo erguer, torná-lo alegre, despertá-lo daquela imobilidade que me apavorava, puxei-lhe pelos braços, abanei-o, enquanto ia gritando, aflitivamente:

—«Meu Pai, meu Pai, vamos brincar!...»

E puxava por êle, chamava-o, na ansiedade raivosa de o vêr mexer-se, abrir os olhos, responder ao meu apêlo desesperado. Êle continuava

rigido, surdo ao meu chamamento, surdo à minha promessa de felicidade. Agarrei a êsmo nos brinquedos, e, impaciente, cheio de mêdo por aquela mudez que eu não sabia explicar, metia-lhos nas mãos, de-baixo dos braços, abanava-o, sacudia-o... e, vendo que ainda assim não respondia, pus-me a correr à roda dêle e ia tocando tambor num frenesi epilético, e ria, ria muito, em gargalhadas loucas, ruidosas, embaçadas de terror e dizia-lhe :

— «Vês como estou alegre!... Vês como sei brincar!...»

E o seu rosto, lívido e macerado, não tinha um movimento, não tinha uma contracção, mas nos seus lábios, exangues, gelados, havia uma expressão lúgubre de angústia e de dor.

Retiraram-me dali, fecharam-me sòzinho numa casa. Não sei quanto tempo durou a minha reclusão... Nem a senti. Depois, passado muito tempo, vieram-me buscar e encaminharam-me, inconsciente, tresloucado, para junto do caixão do meu pai, para que eu me despedisse. E os

meus gritos, nervosos, dementes, esgalharam a compunção do momento, reboando pela casa com estrépito, engasgando comoções marejando de lágrimas os olhos dos que me ouviam.

Por fim, lá o levaram, sem que eu compreendesse o que iriam fazer dêle, sem que eu adivinhasse que nunca mais o tornaria a ver, que nunca mais sentiria junto de mim a sua agonia, o seu penar...

—«Meu Pai, meu Pai, vamos brincar!...»

....

INDICE